

**ENTRE EMPREENDIMENTOS DE LUXO E MISÉRIA:  
METAMORFOSE E CONTRADIÇÕES EXPRESSAS NO  
ESPAÇO URBANO DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE**

*ENTRE EMPRENDIMIENTOS DE LUJO Y MISERIA:  
METAMORFOSIS Y CONTRADICIONES EXPRESAS EN  
EL ESPACIO URBANO DE MAPUTO, MOZAMBIQUE*

**João Henrique Santana Stacciarini  
Fander de Oliveira Silva**

**Universidade Federal de Uberlândia - UFU**  
joaostacciarini@ufu.br, fanderoliveira@ufu.br

**RESUMO**

Nas últimas décadas, Moçambique “abre suas fronteiras” ao capital internacional. Como resultado deste processo, Maputo, capital e principal centro financeiro e comercial do país, passa a acolher inúmeras empresas transnacionais. A chegada destes novos agentes transforma, de forma significativa, o cenário urbano da capital moçambicana, que agora passa por múltiplas metamorfoses, expressando grandes contradições. Desta maneira, deslocar-se pelas ruas de Maputo suscita um conjunto de paisagens simbólicas que misturam o novo e o velho, o moderno e o obsoleto, o urbano e o rural, dentre inúmeras outras dicotomias. Se em uma porção da cidade temos uma região central digna de cenários de uma “metrópole de primeiro mundo” – presença de carros e edificações de luxo, shoppings e centros comerciais com sua vasta oferta de produtos, prédios, bancos, empresas e centros de serviços avançados, além ainda dos museus, parques e praças de beleza invejável – por outro, ascende a Maputo que representa a maioria dos moçambicanos, parcial ou completamente sem oferta de condições mínimas de saúde, educação, renda, transporte, saneamento, dentre vários outros importantes serviços básicos para a diminuta sobrevivência. Condições e contradições que fazem com que, atualmente, o país possua o quinto pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de todo o planeta.

**Palavras-Chave:** Espaço Urbano; Contradições; Maputo (Moçambique).

**RESUMEN**

En las últimas décadas, Mozambique "abre sus fronteras" al capital internacional. Como resultado de este proceso, Maputo, capital y principal centro financiero y comercial del país, pasa a acoger numerosas empresas transnacionales. La llegada de estos nuevos agentes moldea, de forma significativa, el escenario urbano de la capital mozambiqueña, que ahora pasa por múltiples metamorfosis, expresando grandes contradicciones. De esta manera, desplazarse por las calles de Maputo, suscita un conjunto de paisajes simbólicos que mezclan lo nuevo y lo viejo, lo moderno y lo obsoleto, lo urbano y lo rural, entre innumerables otras dicotomías. Si en una porción de la ciudad tenemos una región central digna de escenarios de una "metrópolis de primer mundo" - presencia de coches y edificaciones de lujo, centros comerciales y centros comerciales con su amplia oferta de productos, edificios, bancos, empresas y centros de servicios de los museos, parques y plazas de belleza envidiable - por otro, asciende a Maputo que representa la

maioria de los moçambiqueños, parcial o completamente sin oferta de condiciones mínimas de salud, educación, renta, transporte, saneamiento, entre varios otros importantes servicios básicos para la pequeña supervivencia. Condiciones y contradicciones que hacen que actualmente el país posea el quinto peor índice de Desarrollo Humano (IDH) de todo el planeta.

**Palabras Clave:** Espaço Urbano; Contradicciones; Maputo (Mozambique).

## INTRODUÇÃO

O Inquérito Demográfico de Moçambique, publicado no ano de 2013 através do Instituto Nacional de Estatística aponta que o país africano situa-se na faixa sul-oriental do continente, entre os paralelos 10°27' e 26°52' de latitude Sul e entre os meridianos 30°12' e 40°51' de longitude Oeste. Nota-se ainda que o território moçambicano é limitado a norte pela Zâmbia, Malawi e Tanzânia, a leste pelo Canal de Moçambique e pelo Oceano Índico, a sul e oeste pela África do Sul e a oeste pela Suazilândia e pelo Zimbabwe (Figura 1), tendo ainda uma área de 799.390 km<sup>2</sup>, dos quais 786.790 km<sup>2</sup> são terra firme, e 13.000 km<sup>2</sup> águas interiores (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2011).

Avalia-se ainda que Moçambique possui a leste aproximadamente 2,5 mil quilômetros de ligação com o Oceano Índico, o que se revela de fundamental importância econômica e geopolítica, visto que diversos países vizinhos situados no interior do continente dependem das rodovias e portos moçambicanos para obterem acesso ao litoral. Já com relação à divisão territorial, o país encontra-se dividido em 11 províncias, sendo estas, ao Norte – Niassa, Cabo Delgado e Nampula; no Centro – Zambézia, Tete, Manica e Sofala; e ao Sul – Inhambane, Gaza, Maputo Província e Maputo Cidade (PERMB, 2018).

Figura 1 – Mapa Político de Moçambique



Fonte: Guia Geográfico de Moçambique. Edição e Organização dos Autores

Os documentos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística revelam também que os solos do país, assim como grande parte da região Sul do Continente Africano, não apresentam grande variedade com relação as paisagens. Sendo assim, ao observar-se no sentido da costa para o interior, estes se distinguem em três tipos de relevos: a planície do litoral – que ocupa 40% do território e dá configuração a região com a maior concentração populacional; os planaltos no interior – que possuem altitudes médias (oscilantes entre 200 e 1.000 metros); e os grandes planaltos e montanhas, também localizados no interior – sendo que estes ocupam apenas uma reduzida porção do território moçambicano, mas podem ter altitudes superior a mil metros (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2011).

Por sua vez, ao avaliar-se os indicadores político e sociais do país, constata-se que Moçambique possui aproximadamente 26 milhões de habitantes, dos quais cerca de 70% ainda vivem em áreas rurais e estão fortemente vinculados à agricultura de subsistência (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2017). Todavia, o Plano Estratégico de Moçambique (2012 - 2016) indica que a economia moçambicana vem passando por significativos crescimentos desde meados da década de 1990, detendo taxas médias anuais próximas a 7%, sobretudo pelas contribuições nos setores de mineração e energia (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2012). Entretanto, com a Crise Internacional de 2008, este crescimento é freado e tem seus indicadores reajustados para números menos expressivos.

Contudo, é necessário destacar que apesar deste crescimento relevante, Moçambique era colônia portuguesa até 43 anos atrás, tendo sua emancipação apenas em 25 de junho de 1975. Desta forma, os vários séculos de exploração colonial refletem em situações preocupantes e que, até os dias de hoje, tem forte impacto sobre a organização socioespacial moçambicana. Neste sentido, ressalta-se que o número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza no país vem aumentando. Ao longo do ano de 2003, estes somavam 11.7 milhões de pessoas – números que representam quase metade de toda a população nacional – se constituindo como um dos maiores desafios para os governantes em todas as escalas administrativas.

Reforça-se também que os índices de inflação são outro grande problema contemporâneo enfrentando pelos moçambicanos. Grande parte dos produtos consumidos no país, inclusive bens primários e de necessidade básica, são importados. Logo, o crescimento da inflação tem afetado diretamente a já precária condição de aquisição de alimentos, produtos e combustíveis por grande parte da população.

Por fim, este complexo panorama, que será elucidado melhor ao longo deste trabalho, irá refletir nas inúmeras complicações enfrentadas por tal país, dificuldades estas que se expressam no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – atualmente representando pelo valor 0.284, número que coloca Moçambique na posição 165 entre 169 países de todo o mundo (PNUD, 2016).

## **MAPUTO: METAMORFOSE, EMPREENDIMENTOS DE LUXO E TURISMO**

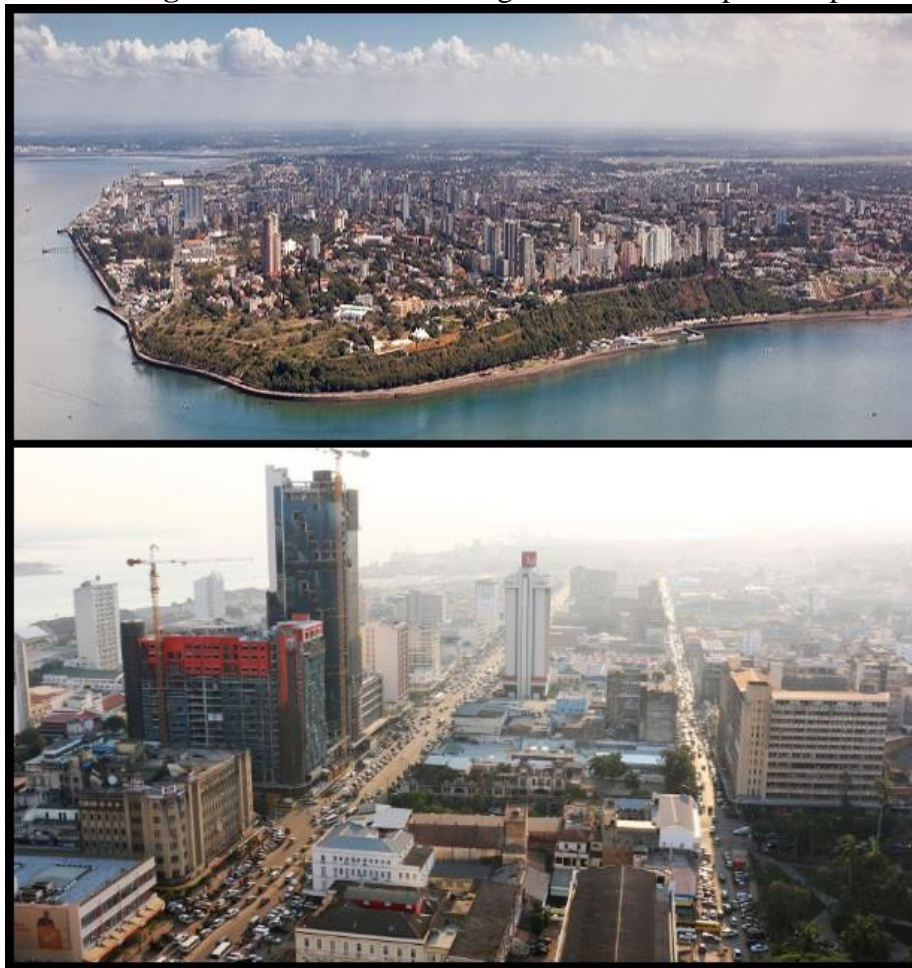
O município de Maputo, que possui cerca de 350 quilômetros quadrados e aproximadamente 2 milhões de habitantes (em decorrência de conurbação entre a capital e distritos vizinhos), encontra-se localizado no extremo sul de Moçambique, já bem próximo das fronteiras com o Suriname e a África do Sul (figura 1), o que representa grave problema com relação à mobilidade e a gestão territorial, uma vez que viajar ao extremo norte do país pode levar até seis dias – situação agravada pelas precárias condições de muitas vias terrestres (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2018).

Maputo não é apenas a capital política e maior cidade de Moçambique, mas também o principal centro financeiro, corporativo e mercantil do país, reunindo variadas infraestruturas, atividades econômicas, serviços médicos, educacionais, além de sediar as maiores organizações comerciais e políticas do país – elementos que refletem em uma produção responsável por cerca de 20% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) moçambicano (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2018).

Nas últimas décadas, com a abertura do país ao “sistema de capital neoliberal globalizado”, Maputo passa a acolher inúmeras empresas transnacionais, tendo como sua principal fonte de renda no setor secundário, os ramos de metalurgia, pesqueiro, alimentício, moveleiro, químico, dentre outros. Assim, a chegada destes novos agentes produtivos transforma, de forma significativa, o cenário urbano da capital moçambicana, que agora passa por múltiplas metamorfoses e expressam grandes contradições.

Portanto, deslocar-se pelas regiões centrais da capital moçambicana se assemelha a estar em diversos outros grandes centros produtivos/financeiros do capitalismo globalizado. As ruas asfaltadas e a presença de carros e edificações de luxo, os shoppings e centros comerciais com sua vasta oferta de produtos, prédios, bancos, empresas e centros de serviços, além ainda dos museus, parques e praças de beleza invejável, remetem à uma “metrópole global” dotada da ampla infraestrutura “necessária” às “sociedades de consumo” pós-modernas e parecem não refletir o verdadeiro panorama de um país que detém um dos menores IDH do planeta.

**Figura 2** – Vista aérea da região central da capital Maputo.



Fonte: Casamozambique, 2018. Edição e Organização dos Autores

Segundo dados do Conselho Municipal de Maputo (2013), a cidade recebe por volta de 300 mil visitantes anualmente, dos quais, aproximadamente 65% vindos de outros países. Este ramo, destinado, em grande parte, ao atendimento de executivos – que buscam, na oferta de mão de obra barata, níveis diferenciados de reprodução de seus capitais – ou ainda à turistas, em sua maioria vindos da África do Sul, Portugal ou continente Asiático, vem se fortalecendo gradativamente e, atualmente, proporciona importante fonte de renda às multinacionais envolvidas neste processo.

Para se ter uma ideia, avaliando o ano de 2014 e tomando como referência o relatório “*The Top 100 Companies in Mozambique*”, as três maiores multinacionais atuantes (exclusivamente<sup>1</sup>) no ramo hoteleiro de Moçambique (*Grupo VIP Actividades Hoteleiras; Turvisa Empreendimentos Turísticos; Hotéis Polana*), quando somadas, obtiveram lucros líquidos acima de 63 milhões com empreendimentos no país (parte destes, localizados em Maputo). Ressalta-se também, ainda conforme o relatório, que a tríade figura entre as principais empresas atuantes em Moçambique – respectivamente ocupando as colocações 79<sup>a</sup>, 81<sup>a</sup> e 100<sup>a</sup> entre o ranking das maiores companhias presentes em território moçambicano (TTCIM, 2015).

Neste caminho, fomenta a atenção dos que transitam pelas ruas da capital, as grandes, luxuosas e confortáveis infraestruturas vinculadas a este ramo econômico voltado, em sua maioria, ao público internacional. Como exemplo, pode-se apontar o mítico “*Maputo Gloria Hotel*”. Executado para receber, em sua maioria, os inúmeros investidores chineses que desembarcam na capital para realizar negociações multimilionárias, o hotel – classificado como cinco estrelas – tem fortes influências orientais, que vão desde decorações, cozinhas e refeições asiática, templos religiosos, seda chinesa em lençóis e cortinas, dentre outros. O empreendimento, executado pela multinacional chinesa “*Anhui Foreign Economic Construction (Group)*”, foi inaugurado no ano de 2016 e conta com localização privilegiada em frente ao mar, além ainda de possuir mais de 250 quartos e ser concretizado a um custo de aproximadamente 300 milhões de dólares (AFECCGLORIAHOTEL, 2018).

Outro emblemático empreendimento do ramo hoteleiro situado na capital moçambicana é o “*Radisson Blu Hotel & Residence*”. Proveniente de capital multinacional vinculado a empresas dos Emirados Árabes Unidos, o complexo conta com três edifícios, os quais abrigam hospedagens, escritórios e residências. Instalado em uma área de aproximadamente 71 mil metros quadrados, o sofisticado complexo que foi inaugurado no ano de 2015 perante gastos que superavam os 200 milhões de dólares, contam com serviços e conveniências dignos dos mais tradicionais bairros e empreendimentos do planeta (RADISSONBLUHOTEL, 2018).

---

<sup>1</sup> Algumas multinacionais operantes em empreendimentos turísticos, atuam também, concomitantemente, em outros setores da economia moçambicana – obtendo assim, lucros ainda mais expressivos.



**Figura 3** – “Maputo Gloria Hotel” (acima) e “Radisson Blu Hotel & Residence” (abaixo) – Ambos, construídos e administrados por empresas multinacionais.



Fonte: AFECC GLORIA HOTEL e RADISSON BLU HOTEL, 2018.  
Edição e Organização dos Autores

Note que apesar de estarmos falando de um país que detém o quinto pior Índice de Desenvolvimento Humano do planeta, além ainda de possuir cerca de metade de toda sua população em condição de extrema miséria, a grandiosidade e requinte das infraestruturas acima apresentadas despertam atenção até mesmo dos indivíduos que habitam grandes metrópoles brasileiras.

### **A “OUTRA VERTENTE” DE MAPUTO: CONTRADIÇÕES, DESEMPREGO E MISÉRIA**

Revela-se importante apontar que os grandes empreendimentos de luxo, juntamente com o recorrente crescimento do PIB Moçambicano ao longo dos últimos anos não evidenciam oportunidades concretas de emprego e renda para grande parte da população, que ainda encontra inúmeras dificuldades para obter condições dignas de vida.

O fato do país ter uma independência colonialista extremamente recente (1975) contribui para a ampliação das dificuldades. Assim, para grande parte da população moçambicana, falta-se tudo! Saúde, educação, renda, transporte, saneamento, dentre vários outros importantes serviços básicos para condições mínimas de sobrevivência são realidades distantes para os cerca de 11 milhões de miseráveis do país.

Em Maputo, capital nacional, a realidade não é diferente. Analisando questões vinculadas a obtenção de renda, Chivangue (2014) aponta à histórica incapacidade de

gestão e geração de empregos por parte dos sucessivos Governos de Moçambique, fato que reflete na deficiência/ausência de postos formais de trabalhos – destinando, assim, grande parcela da população às atividades sem qualquer regulamentação.

Portanto, o setor informal da economia passa a se constituir como fonte de ocupação, renda e sobrevivência para a maior parte da população. É então neste cenário que Francisco e Paulo (2006) ressaltam a existência de um verdadeiro “sistema” nacional de trabalhadores, que buscam na informalidade, condições para a amortização da pobreza e constante luta pela sobrevivência humana.

Ao avaliar-se os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), constata-se que apenas cerca de 10% da população total empregada em Moçambique encontra-se vinculada ao mercado formal, enquanto aproximadamente 90% estão atuando em atividades informais, longe de qualquer benefício institucional/estatal (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2011). Sobre esta questão, vislumbra-se ainda que, apesar da informalidade ser maior na zona rural – onde atinge cerca de 96% das ocupações, grande parte vinculadas a agricultura de subsistência – parcela significativa da população urbana – aproximadamente 68% – também está vinculada às atividades informais (FRANCISCO E PAULO, 2006), números que refletem grande desafio perante a efetivação de políticas públicas governamentais.

Diante da conjuntura exposta, e agora voltando à análise específica de Maputo, tem-se que, segundo dados fornecidos pelo Conselho Municipal da Capital, ao longo do ano de 2011, o município registrou uma taxa de mortalidade infantil total de 55,8 crianças / por mil (muito alta), esperança de vida ao nascer de apenas 54,3 anos, além de contar com somente 150 médicos e 1200 técnicos em saúde, responsáveis pelo atendimento de 1.194.121 habitantes (analisando apenas os limites do município de Maputo), população está que se encontra em um ritmo de crescimento natural elevado, de 1,30% ao ano (CONSELHO MUNICIPAL DE MAPUTO, 2013).

Ainda mediante números fornecidos pelo Conselho Municipal de Maputo, das aproximadamente 298 mil instalações (residências) de Maputo, apenas cerca de 140 mil têm água encanada (46%) e 235 mil, acesso a rede elétrica (78%). Todavia, é importante ressaltar que, diferentemente do Brasil, o sistema de energia pública moçambicana funciona através de um sistema de créditos pré-pago, sendo necessário recargas antes da utilização. Portanto, frequentemente, mesmo em residências com “acesso à energia elétrica”, esta não é utilizada por falta de recursos financeiros (créditos).

Por sua vez, a pesquisadora Maloa (2016) aponta que diversas porções da periferia da capital têm passado por ampla desestruturação nas últimas quatro décadas. Segundo levantamentos realizados por esta, durante o período da Guerra Civil Moçambicana (1977 – 1992), cerca de 2.600 escolas públicas foram destruídas ou abandonadas, enquanto 50% da rede comercial foi desativada e 820 postos de saúde fechados – complicações que representam perda de investimentos sociais na ordem de 15 bilhões de dólares (MALOA, 2016). A esta frágil conjuntura, soma-se ainda o crescente êxodo rural, “responsável” por amplas remeças populacionais às periferias de Maputo.

Mediante a tudo que é apresentado, avalia-se que, se a região central da capital moçambicana é característica pela beleza, zelo e oferta de múltiplas infraestruturas, as demais porções do território urbano que abrigam grande parcela da população de Maputo são características pela ascensão de paisagens paradigmáticas – estas relacionadas a ausência de pavimentação, iluminação, saneamento básico, coleta de lixo, transporte público, sistemas básicos de saúde, educação, policiamento, dentre inúmeros outros.

**Imagem 4** – Paisagens das regiões periféricas da capital moçambicana.



Fonte: STACCIARINI, 2017. Trabalho de Campo em Maputo.

Como resultante desde processo de exclusão, segregação e ampla desigualdade social, Micaelo (2009) assinala que diversas estratégias são adotadas pela população miserável frente a busca pela sobrevivência. Dentre estas, a informalidade e a “dispersão econômica e geográfica” de seus membros, caracterizada pela procura de fontes alternativas de renda/alimentação é a mais comum. Em síntese, observa-se uma distribuição dos membros familiares na procura de trabalhos informais (por diversas regiões da capital) ou ainda a busca por pequenos terrenos agricultáveis que poderão garantir o básico para a alimentação. Vale frisar que a redes de solidariedade – estabelecidas entre diversas famílias ou gerenciadas por organizações sem fins lucrativos – também podem aparecer como importante estratégia pela reprodução/manutenção e da existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada do Século XXI, nota-se um constante (re)modelamento das configurações dos padrões de acumulação provenientes de atividades capitalistas em escala global. A emergência de novas redes supranacionais de “integração” – proporcionadas pela ascensão do meio técnico-científico-informacional – fez com que múltiplos territórios, antes “alheios” a este processo de exploração a nível planetário, agora sejam acionados à servirem para (re)produção do capital.

Maputo, capital moçambicana, se insere neste novo contexto. O país, que até “pouco tempo” era colônia portuguesa (1975), agora se abre as políticas neoliberalistas em escala mundializada. Se antes, o “encarregado” pela produção, gerenciamento e exploração de riquezas em solo moçambicano era Portugal, agora são as multinacionais de diversas porções do globo – em especial, da China, Oriente Médio e Europa – as “responsáveis” pela “indução do crescimento econômico”.



Desta forma, ao deslocar-se pelas ruas de Maputo, “salta aos olhos” paisagens que representam “dois lados de uma mesma moeda”. Se em uma porção da cidade temos uma região central “digna de cenários” de uma “metrópole de primeiro mundo” – presença de carros e edificações de luxo, shoppings e centros comerciais com sua vasta oferta de produtos, prédios, bancos, empresas e centros de serviços avançados, além ainda dos museus, parques e praças de beleza invejável – por outro, ascende a Maputo que representa a maioria dos moçambicanos, parcial ou completamente sem oferta de condições mínimas de saúde, educação, renda, transporte, saneamento, dentre vários outros importantes serviços básicos para a diminuta sobrevivência.

É então em meio a este cenário que emergem grades desafios ao governo e aos moçambicanos. Como desenvolver, de forma equilibrada e socialmente justa, um país que detém o quinto menor Índice de Desenvolvimento Humano do planeta? Aproximadamente metade da população moçambicana – em situação de extrema miséria – “aguarda por esta reposta”... mas também por “tempos melhores”, pelas políticas públicas que raramente conseguem sair do papel e pelas situações de escassez, indignância e desamparo por parte do poder público com os demais habitantes.

Enquanto isso, o espaço urbano de Maputo vai se “metamorfizando”, e se (re)modelando perante múltiplas contradições que se expressam através de paisagens profundamente simbólicas, as quais fundem o novo com o velho, o moderno com obsoleto, o urbano com o rural, o luxo com a penúria e o global com local – elementos que fazem da capital moçambicana um ambiente místico e emblemático perante ao complexo cenário do capitalismo mundializado deste início do Século XXI.

## **REFERÊNCIAS**

AFECCGLORIAHOTEL. Anhui Foreign Economic Construction (Group). **Maputo AFEC Gloria Hotel**. Disponível em: <http://maputo-grand.gloriahotels.com/>. Acesso em 10/07/2018.

CASAMUZAMBIQUE. **Revista de Imobiliário**. 2018. Disponível em: <http://casamozambique.co.mz/revista>. Acesso em 14/06/2018.

CHIVANGUE, Andes. **Economia Informal e Políticas em Moçambique: Lógicas e Práticas dos Mukheristas**. Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina. 21 pgs. Universidade Eduardo Mondlane. 2014.

CONSELHO MUNICIPAL DE MAPUTO. **Perfil Estatístico do Município de Maputo. Direcção Municipal de Actividades Económicas**. 2013. Disponível em: [www.cmmmaputo.gov.mz](http://www.cmmmaputo.gov.mz). Acesso em 20/06/2018.

FRANCISCO, António da Silva; PAULO, Margarida. **Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique**. Centro de Estudos Africanos. Moçambique. 2006

GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. **Portal Eletrónico do Governo de Moçambique**. Disponível em <http://www.portaldogoverno.gov.mz/>. Acesso em 22/06/2018.

Instituto Nacional de Estatística (INE). **INQUÉRITO DEMOGRÁFICO E DE SAÚDE DE MOÇAMBIQUE**. Moçambique. Calverton, EUA. 2011.

MALOA, J. M. **A Urbanização Moçambicana: Uma Proposta de Interpretação.** Tese (Doutorado em Geografia Humana). Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2016.

MICAELO, A. L. **O Preço da Sombra: Sobrevivência e Reprodução Social entre Famílias de Maputo.** Etnográfica. vol. 13 (2). 2009. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/1176>. Acesso em 03/07/ 2017.

PERMB. **Portal da Embaixada da República de Moçambique no Brasil.** Disponível em: <http://www.mozambique.org.br/>. Acesso em 20/05/2018.

PGPM. **Portal do Governo da Província de Maputo.** Disponível em: <http://www.pmaputo.gov.mz/>. Acesso em 12/04/2018.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano.** Nova Iorque: PNUD, 2016.

RADISSONBLUHOTEL. **Radisson Hotels & Resorts (Group).** Radisson Blu Hotel & Residence, Maputo. Disponível em: <https://www.radissonblu.com/en/hotel-maputo>. Acesso em 10/07/2018.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Procuradoria Geral da República. **PLANO ESTRATÉGICO.** Maputo, Outubro de 2012.

TTCIM. “The Top 100 Companies in Mozambique”. **XVII Edição da Pesquisa Sobre as 100 Maiores Empresas de Moçambique.** KPMG. Maputo. 2015

**Recebido para publicação em 20 de junho 2018**  
**Aceito para publicação em 31 de julho de 2018**